



HISTÓRIA

SBPC : 70 anos trabalhando pelo progresso para a ciência brasileira

A Segunda Guerra Mundial tinha terminado e, cada vez mais, se tornava evidente a necessidade de incentivar a ciência para promover o desenvolvimento social e econômico. No Brasil, um grupo de cientistas discutia os caminhos da ciência. Os principais articuladores eram Mauricio Rocha e Silva (Faculdade de Medicina – UFRJ), Paulo Sawaya (Departamento de Fisiologia – USP) e José Reis (Instituto Biológico de São Paulo - IB), mas também outros envolvidos como José Ribeiro do Vale (Instituto Butantan), Luiz Gastão Mange Rosenfeld (Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo) e Francisco João Maffei (Instituto de Pesquisas Tecnológicas – USP). Esse grupo decidiu criar, em 8 de julho de 1948, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Ela surge inspirada em instituições como a British Science Association (BSA), que quando foi criada, em 1831, se chamava British Association for the Advancement of Science, e a American Association for the Advancement of Science (AAAS), que surgiu em 1848.

Hoje, não é possível pensar a ciência brasileira sem a SBPC. Seus 70 anos de história foram marcados por uma

constante luta pelo desenvolvimento científico e social brasileiro. Criada em um momento em que a produção de ciência no Brasil era muito pequena – na época havia pouquíssimas instituições de pesquisa e as universidades ainda não tinham a tradição de fazer pesquisa – ela contribuiu com o processo de institucionalização da ciência brasileira. Além disso, atuou ativamente em defesa dos direitos humanos, da cidadania, da educação e da democracia. “A criação da SBPC foi um marco na história do país. Ela surge no pós-guerra, quando os países começam a perceber que a ciência era fundamental para seu desenvolvimento social e econômico. E surge para defender o desenvolvimento científico no Brasil, colaborando de modo decisivo para a expansão da ciência no país”, destaca Ildeu de Castro Moreira, atual presidente da SBPC.

Nos primeiros anos de existência, a SBPC trabalhou para o reconhecimento e a institucionalização da ciência no país. A Sociedade participou ativamente da criação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em 1951. Também

teve papel fundamental no estabelecimento do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, em 1985. Ao longo de sete décadas de atuação também inspirou e apoiou a criação e consolidação de muitas outras sociedades científicas. “No final da década de 1940, já existiam algumas sociedades científicas no Brasil, mas cada uma estava preocupada com a ‘sua ciência’. Quando a SBPC é fundada, em 1948, ela conclama todas as áreas do conhecimento a buscarem juntas a expansão e a valorização da ciência nacional. Desta forma, seu diferencial logo no princípio é esse desejo de agregar todas as áreas e os saberes em prol desse desenvolvimento científico”, destaca Helena Nader, professora da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e presidente de honra da SBPC.

Hoje, a SBPC possui cerca de 140 sociedades associadas nas áreas de biológicas, exatas, tecnológicas e humanas e mais de seis mil sócios ativos, entre pesquisadores, docentes, estudantes e cidadãos brasileiros interessados em ciência e tecnologia. Desta forma, ela une diferentes áreas do conhecimento, articulando visões distintas e estabelecendo um diálogo para o avanço da produção do conhecimento nacional.

EDUCAÇÃO Mas não seria possível investir em ciência sem antes pensar na educação científica. “A educação está na base de tudo. Você não vai

ter ciência de ponta ou inovação sem educação, assim como não vai ter desenvolvimento social, nem mesmo cidadania, sem educação”, alerta Nader. De acordo com ela, todos esses processos estão interligados e dependem primeiramente de uma educação de qualidade. “Tudo começa com a educação. Esse é nosso principal desafio hoje. E é um desafio em todos os níveis, desde a pré-escola, do ensino fundamental até o nível universitário. E também se reflete em todos os aspectos da sociedade, não apenas na ciência, mas também na economia e na saúde”.

A educação sempre foi uma das bandeiras da SBPC. Por isso, a Sociedade tem diversos projetos de educação científica, como a SBPC Educação, que tem como foco os educadores do ensino fundamental, médio e técnico; a SBPC Vai à Escola, que visa estimular a interação entre cientistas e estudantes dos níveis fundamental e médio através de palestras e atividades nas escolas; e a SBPC Jovem, voltada aos estudantes do ensino básico e realizada durante a reunião anual com o objetivo de promover o contato dos jovens com a pesquisa científica e despertar seu interesse pela ciência, tecnologia e inovação. “A perspectiva educacional sempre esteve presente na história da SBPC. Durante as reuniões anuais, a presença de crianças e jovens, com participação ativa em diferentes atividades, revela o interesse pela ciência e o papel da entidade na formação do

Foto: Centro de Memória da SBPC



José Reis, um dos idealizadores da SBPC

conhecimento em geral e científico em particular”, destaca Graça Caldas, jornalista e pesquisadora do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Unicamp.

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA Para envolver toda a sociedade no debate científico, a SBPC realiza reuniões anuais desde 1949. Nesses eventos, que reúnem cerca de 15 mil pessoas a cada edição, são debatidos temas da ciência, de maneira interdisciplinar, agregando pesquisadores de todo o país. Também são promovidos minicursos, conferências, palestras, encontros, atividades de exposição dos museus de ciência. “Um dos princípios que norteiam a SBPC é a comunicação da ciência – tanto no sentido estrito, ou seja, en-

tre a comunidade científica, como no sentido mais amplo, para a sociedade. Assim visa, entre outras coisas, motivar nos jovens e estudantes o interesse pela ciência e pela educação científica de forma geral, e também o engajamento de toda a sociedade no debate dos assuntos da ciência”, destaca Carlos Vogt, coordenador do Labjor.

Foi a partir dessa visão que, em 1949, um ano depois de sua fundação, a sociedade lançou a revista *Ciência & Cultura*, editada até hoje. Em 1982, começou a ser publicada a revista de divulgação científica, *Ciência Hoje*, que também era vendida nas bancas de jornal. Tal iniciativa surgiu na SBPC Regional do Rio de Janeiro. Em 1986, surgiu a *Ciência Hoje das Crianças* que teve um impacto muito grande na escola pública. Durante cerca de 25 anos a revista foi enviada a todas as escolas públicas do país pelo Ministério da Educação. Essas publicações, a partir de 2001, passaram a ser de responsabilidade do Instituto Ciência Hoje e, desde 2008, estão disponíveis apenas no formato eletrônico. Em meados de 1985, foi lançado o *Jornal da Ciência*, que também segue sendo editado atualmente pela SBPC, em versão eletrônica e que inclui o boletim diário *JCNócias*. “Os veículos de divulgação científica são essenciais para a formação de uma cultura científica qualificada e competente. Além disso, permitem estabelecer o necessário diálogo da



Fotos: reproduções

1ª REUNIÃO



Jantar da 1ª Reunião da SBPC, em 1949, realizada em Campinas (SP). Só conseguiram ser identificados os cientistas Adolpho Martins Penha (segundo da esquerda para direita) e Maurício Rocha e Silva, ao centro da foto.

SEPARATA DAS PROFAS (*)

I REUNIÃO ANUAL DA SBPC

Realizada em 15 de Outubro de 1949, a 1ª Reunião Anual da SBPC, As sessões foram realizadas no Instituto Agronômico, no Centro de Ciências e Letras e no Departamento de Medicina e Cirurgia, em Campinas, Estado de São Paulo. Segue-se a ordem em que serão apresentadas, de acordo com o Programa.

Contribuição do estudo ecológico da vegetação do Brasil meridional

Palla Bawlechner

O fator mais importante para a Fisiologia das plantas é a luz. Estudos ecológicos feitos no Brasil meridional evidenciam que o balanço de água nas plantas depende diretamente das condições climáticas, em virtude do efeito combinado dos fatores seguintes: 1) A decomposição dos solos em profundidades grandes, de maneira que uma capa de material decomposto no solo (humus) cobre a rocha viva. Esta, em condições temperadas, atinge a 1 ou 2 metros de profundidade, dependendo, porém, entre não, do tipo de solo. 2) Em climas úmidos, onde há excesso de precipitação em relação à água evapora, formam-se cursos subterrâneos no interior de água que, no Brasil, encontram-se a grandes profundidades, geralmente sobre a rocha viva (travertino, arenito, etc.). Estas reservas alimentam plantas com raízes profundas, que assim não sofrem em épocas prolongadas de estiagem, ao passo que plantas com raízes pouco profundas, como a maioria das plantas cultivadas, sofrem em períodos. 3) Os solos tropicais têm pouca poder absorver para cálcio e cálcio pela natureza natural de uma região e tem pouca de humo: as precipitações destroem e levam a salinidade para grandes profundidades, leva a salinidade da salinidade das águas subterrâneas das plantas cultivadas. As árvores das florestas constituintes excedem a sua grande transpiração intercepta sua parte das folhas de sal do solo. Além disso, suas raízes profundas, na proximidade das rochas vivas, podem extrair o sal do solo, por entre elas, que sobem às raízes, voltando à superfície de solo, as folhas que assim se constroem salinas.

Compreensão sobre a manutenção da fertilidade dos solos da mata virgem e a rigidez deteriorada

dos solos após a derrubada das árvores e a destruição das suas raízes e folhagem profundas. Tudo isso tornaria um solo bem diferente em climas temperados, onde as águas não têm tanta poder de infiltração nem desaparecem em tão grande profundidade e onde as raízes das plantas anuais estão por isso em contato mais íntimo com as substâncias proteicas diretas ou indiretamente da rocha viva. Por isso, os solos temperados da Europa e os Estados Unidos não podem ser aplicados sem discernimento entre eles, para ali, hoje salientada também pelas pesquisas e ecológicas de novos ambientes tropicais.

Arrematamos que a frutificação análoga não só o teor dos solos em sua importância para a alimentação da nossa vegetação. Estes em parte de escassez também vêm dos seus elementos, cuja importância para a vida animal e humana, é cada vez mais reconhecida.

Por isso, as pesquisas de biologia aplicada sobre solo, tanto aqui quanto ali, devem ser consideradas de grande importância para a cultura de plantas anuais, de clima mais profundo e, especialmente, de solos periodicamente descobertos. O solo não pode ser visto como um solo, mas sim como um solo vivo, especialmente à cobertura densa de vegetação arbórea ou, pelo menos, de vegetação rasteira. Tudo isso, naturalmente, não se refere a solos áridos. (Departamento de Biologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo).

Transpiração de Eucalyptus Salicifolia, Sm.

Country M. Franco e R. Souza Indarato

A transpiração de eucalyptus foi medida no campo, pelo método das câmaras rígidas dos câmaras, em diversas épocas do ano. Mediram também a quantidade líquida total de água das plantas e, com base nisso, calcularam a quantidade de água re-

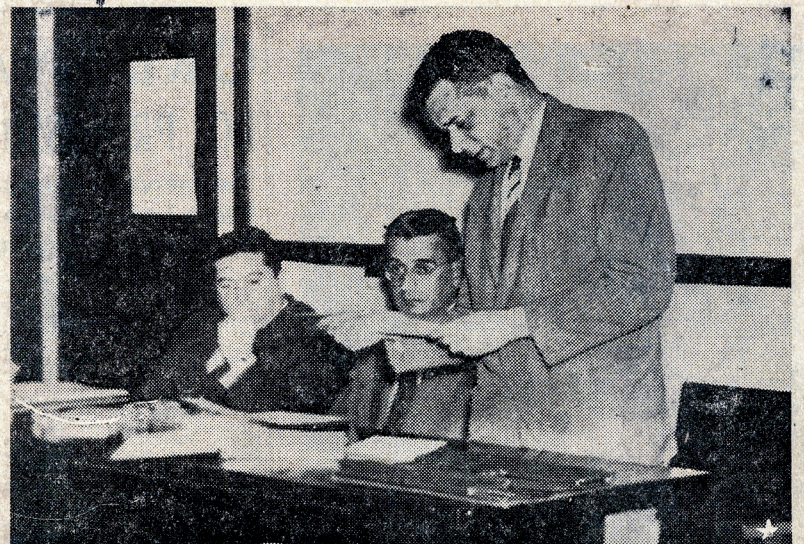
(*) Qualquer correção a ser feita para a impressão definitiva, deverá ser enviada, com o maior urgência possível.

Criação da SBPC em 1948 refletia necessidade de agregar diferentes áreas do conhecimento em prol do desenvolvimento científico

Ata da fundação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

Em 10 de julho de mil novecentos e quarenta e oito, na sede da Associação Paulista de Medicina, reuniram-se, por convocação dos doutores Paulo Sawaya, José Reis e Maurício Rocha e Silva, as pessoas que esta assinaram, para o fim de discutir o projeto de estatuto da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, cuja fundação fosse acordada em reunião preliminar realizada a 10 de junho deste ano, no mesmo local. Submetido a discussão o projeto de estatuto elaborado por uma comissão constante dos doutores Jorge Américo, J. Francisco Tráfico, Judite de Vale, José Reis e M. Rocha e Silva, foi ele amplamente discutido, tendo sido apresentadas emendas pelos senhores Gastão Rosenfeld, Silvio Garcia Jaime Loureiro, Paulo Henrique Weinberg, Roberto Gasqualini, Paul de Moraes, Moisés Rühlmann, Karl Silberschmidt, Eickbaum, Souza Neto, Eugênio R. Andara, Angelina Diacovici, Jorge Américo, J. Reis, F. Sawitscher, U. Mingos, Jesuino Maciel, J. F. Torres e Paulo Roberto de Paula e Silva. Seriamente apreciadas e discutidas as emendas, as mesmas foram aprovadas e as seguintes outras resolvidas: aprovar o texto que a seguir vai transcrito e que passa a ser o Estatuto da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência: Estatuto I da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), fica fundada uma sociedade civil que se regerá pelo presente estatuto, nos

SÃO PAULO — TERÇA-FEIRA, 9 DE NOVEMBRO 1948



POSSE DE DIRETORES E CONSELHEIROS DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA — Em reunião ontem efetuada na sede da Associação Paulista de Medicina, tomaram posse de seus cargos os seguintes diretores e membros do Conselho da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência: prof. Jorge Américo, presidente; sr. M. Rocha e Silva, vice-presidente; prof. P. Sawaya, tesoureiro; srs. J. Reis e G. Rosenfeld, secretários; e os conselheiros srs. Otto Bier, Max B. Erhart, J. Ribeiro do Vale, F. J. Maffei, Alberto Carvalho e Silva, André Dreyfus, Luís Cintra do Prado, Carlos Chagas, Miguel Osorio de Almeida, Gilberto Vilela, Adriano Marchini e J. Jesuino Maciel. Após a cerimônia de posse, o sr. P. Sawaya procedeu à leitura do relatório da tesouraria. O sr. J. Reis recordou as atividades até agora desenvolvidas pela entidade. No clichê, aspecto da reunião.

ciência e de seus representantes com os diferentes setores da sociedade. A SBPC tem contribuído para a disseminação da CT&I seja por meio de seus próprios veículos, seja por meio de debates sobre temas contemporâneos que promovem continuamente a ciência nacional”, afirma Caldas.

PARA ALÉM DA CIÊNCIA Ao longo de sua história, a SBPC cumpriu, também, um papel fundamental em questões políticas e sociais. Foi um marco de resistência durante os 21 anos de governo militar (1964-1985), manifestando-se contra perseguições a professores, pesquisadores e estudantes e contra interferências nos sistemas educacional e científico. “Durante a ditadura militar brasileira, a SBPC foi o ambiente de resistência pelos direitos humanos e políticos, uma das poucas entidades a ter voz em meio ao autoritarismo vigente. E é exatamente por ser um espaço democrático e plural de circulação de conhecimento que conquistou credibilidade e respeito da sociedade em geral, contribuindo, assim, para a construção de uma cidadania ativa e participativa”, aponta Caldas. Iniciativas recentes da SBPC também mostram seu envolvimento com questões que extrapolam o âmbito da ciência, como a participação nas discussões sobre o novo código florestal, exploração da Amazônia, regulamentação de organismos geneticamente modificados e de células-tronco.

A Sociedade participa ativamente de debates sobre questões de políticas científicas e de educação no Brasil, tendo assento permanente no Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (CCT), órgão consultivo do governo federal para definição das políticas e ações prioritárias no campo da C&T. Também possui representantes oficiais em mais de 20 conselhos e comissões governamentais. “O diálogo entre cientistas e o governo tem que ser cada vez maior. Eu acredito nessa aproximação, nesse trabalho conjunto. É um trabalho contínuo, mas que deve ser feito, porque através desse debate pode-se construir muita coisa boa para o povo brasileiro”, enfatiza Nader. Como parte das comemorações dos 70 anos, no primeiro semestre deste ano, a SBPC coordenou um ciclo de oito seminários temáticos “Políticas públicas para o Brasil que queremos”. O objetivo foi discutir políticas públicas nas áreas de ciência, tecnologia e inovação, educação básica e superior e pós-graduação, democratização da comunicação, direitos humanos, desenvolvimento sustentável, Amazônia e saúde pública. Ao final de cada encontro foi elaborado um documento com diretrizes e propostas gerais para essas políticas que serão encaminhados aos candidatos, tanto ao legislativo quanto ao executivo, da próxima eleição. “A SBPC é uma sociedade comprometida com a formulação de boas políticas públicas

que visem não apenas o desenvolvimento científico e tecnológico do país, mas que atendam às necessidades e aos interesses maiores da sociedade brasileira; e ainda luta pela qualidade e universalidade da educação em todos os níveis e pelo amplo acesso público à divulgação da ciência e da tecnologia. Esse compromisso faz com que ela tenha uma militância muito grande junto ao governo buscando o cumprimento desses objetivos”, enfatiza Vogt.

Nos últimos anos, a ciência brasileira avançou muito. As pesquisas em agropecuária e aeronáutica estão entre as melhores do mundo e nas últimas duas décadas a produção científica cresceu de forma expressiva (o Brasil ocupa o 13º lugar na produção científica mundial). No entanto, tem que enfrentar muitos desafios, como o decréscimo acentuado de recursos nos últimos anos e problemas na educação básica. A SBPC ainda tem muito trabalho pela frente. “Nós queremos um país democrático, que respeite os direitos humanos e defenda a liberdade de pesquisa, de expressão, de comunicação. A ciência é necessária o tempo todo. O Brasil precisa dela para um desenvolvimento sustentável e inteligente, que contribua para a melhoria da qualidade de vida de todos os seus cidadãos. Ciência e tecnologia são essenciais para a soberania de um país”, finaliza Moreira.

Chris Bueno